

## Jogo de Espelhos

**Matheus Henrique Triunfo Costa<sup>1</sup>**

**Resumo:** Partindo de um texto de Deleuze que se debruça sobre a releitura de Michel Tournier do clássico "Robinson Crusoe", a fim de explorar as implicações da (in)existência de outrem, este pequeno ensaio se propõe a fazer conexões entre as considerações deleuzianas e as reflexões de Sartre acerca do sentido da alteridade.

**Palavras-chave:** outrem; alteridade; intersubjetividade; Sartre; Deleuze

**Abstract:** Beginning with an essay from Deleuze that focuses on Michel Tournier re-reading of the classic "Robinson Crusoe" in order to explore the implications of the (in)existence of "Others", this essay proposes to make connections between deleuzian considerations and Sartre reflections about the sense of otherness.

**Keywords:** otherness; alterity; intersubjectivity; Sartre; Deleuze

*Era isto outrem: um possível que se obstina em passar por real. E que seja cruel, egoísta, imoral negar esta exigência, é o que toda sua educação havia inculcado a Robinson mas que ele esquecerá durante todos esses anos de solidão.*(TOURNIER, p.192-193 apud DELEUZE, 2003, p.319).

A simples constatação de que os homens coabitam o mundo e diariamente se defrontam entre si foi tema de inúmeras reflexões filosóficas. Na filosofia clássica, Aristóteles se dedica à reflexão sobre *outrem* a partir da ética, um campo de saberes que emerge no encontro com este *outro* que cotidianamente me conclama a agir diante de situações concretas (ARISTÓTELES, 2004). Com Descartes (1973), a aparição do *cogito* enquanto entidade primeira institui a noção de sujeito e desloca as considerações sobre outrem para um campo epistêmico. Contra tal tendência, que, segundo Sartre (1999) tem como consequência a redução de *outrem* a mero *objeto* de conhecimento, impõe-se uma reflexão acerca da intersubjetividade, isto é, "um esforço para captar no próprio âmago das consciências um nexo fundamental e transcendente com relação ao outro, nexos esse que seria constitutivo de cada consciência em seu próprio surgimento" (SARTRE, 1999, p.303).

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Robinson só em sua ilha. Eis a imagem invocada por Deleuze (2003), capaz de fazer pensar a questão do *outro*. Não se trata, portanto, de uma investigação de cunho estritamente fenomenológico, como a que Sartre empreendeu em *O Ser e o Nada* (1999), mas sim de uma reflexão filosófica que se desenvolve a partir de “Sexta-Feira” de Michel Tournier, uma releitura da história original de “Robinson Crusoe”, de Daniel Defoe. Trata-se, enfim, de um exercício de imaginação, capaz de nos aproximar do significado de *outrem*.

Com efeito, qual significado de *outrem*? Decerto que *outrem* se encontra sempre presente no mundo concreto, pois como bem nota Sartre: “nós encontramos o outro” (Sartre, 1999, p.323); porém, para captar seu *significado* preciso, talvez precisemos, como propõe Deleuze, imaginar a situação em que, no mundo concreto, inexistia o *outro*. Assim, contrastando os efeitos de sua presença com os de sua ausência, chegaríamos, por síntese, ao sentido de *outrem*.

Começamos, pois, com os efeitos de sua presença. Primeiramente, a presença de *outrem* é quem asseguraria as *margens* do mundo. *Margens* no sentido de *transições*, fronteiras, entre os objetos. *Outrem* instauraria uma *profundidade*, um *fundo* no mundo que inicialmente se apresentaria enquanto *superfície*. Isso se daria porque a existência de *outrem* faz com que eu *relativize* o conhecimento que tenho do mundo. O mundo não coincidiria *quid facti* com o que percebo, justamente por existir *outrem*; a apreensão do mundo, que inicialmente se daria a partir de um ponto de vista soberano – manifesto pela consciência (cogito) – cujo conteúdo é o mundo tal qual lhe aparece no instante, é significativamente ampliada: sou levado a admitir que a minha consciência não esgota o mundo – o que percebo é *parte* do que é *possível*. Ao mesmo tempo, instaura-se com sua presença um campo de *virtualidades*, de possibilidades.

Em certo sentido, poderia ser feita uma analogia à imagem evocada por Sartre da aparição do objeto-homem no campo perceptivo. Ao ver um homem, diz Sartre, reconhecemos uma *reorganização das coisas* em sua direção. O homem não seria um objeto cuja relação com o mundo posso precisar em termos “puramente aditivos”. Ao contrário, sua aparição “revela-se a mim como pura *desintegração* das relações que apreendo entre os objetos de meu universo” (SARTRE, 1999, p.329). Sartre evoca a imagem de um *escoadouro* ao se referir à desintegração, perante o outro, de meu universo: “parece que o mundo tem uma espécie de

escoadouro no meio de seu ser e escorre perpetuamente através desse orifício” (SARTRE, 1999, p.330). Essa *desintegração* seria a imagem um tanto negativa da *profundidade* introduzida pelo outro no seio do mundo, pois devo reconhecer que o outro capta o mundo diferentemente – porém de maneira semelhante – de mim. Nesse encontro, descobrimos o outro “como uma liberdade posta em face de mim” (SARTRE, 1973, p.22), liberdade capaz de fazer com que a situação me escape.

A ausência de outrem, se pudéssemos imaginá-la, pelo contrário, é sentida como um “desregramento, um enlouquecimento da profundidade, como um retorno agressivo do sem-fundo” (DELEUZE, 2003, p.324). Sem outrem reina “a lei sumária do tudo ou nada”. Como outrem é garantia da *relatividade* de meu conhecer, o mundo sem outrem se reduz ao puro *percipi*. Assim, “o que não vejo é uma incógnita absoluta, em todos os lugares que não estou, reina uma noite absoluta” (DELEUZE, 2003, p.316). Com efeito, seu desaparecimento faz do mundo um reino de linhas abstratas, pois as margens instituídas por outrem desapareceram. Porém, a consequência principal de sua ausência, diz Deleuze, é o desmoronamento da categoria do possível. O mundo reduzido ao *percipi* não apresentaria nenhuma virtualidade – o mundo é o que percebo e *nada* altera esta relação.

Nesta etapa, apesar das semelhanças sublinhadas acima, Deleuze rejeita a identificação Sartriana de outrem como o *olhar*. Outrem não é o *olhar* de um sujeito-homem que, dirigindo-se a mim, transforma-me em objeto. Não é a “*morte oculta* de minhas possibilidades”. O que vislumbro no *olhar* do outro não é meu ser-objeto, como quer Sartre ao dizer que “o olhar é, antes de tudo, um intermediário que remete de mim a mim mesmo” (SARTRE, 1999, p.333-4). Pelo contrário, outrem é a manifestação de um *mundo possível*. “Um semblante assustado é a expressão de um mundo assustador ou de alguma coisa de assustador no mundo que ainda não vejo” (DELEUZE, 2003, p.317). Em minha relação com o outro não reconheço senão a existência de um mundo possível englobado e expresso por este ente. Este mundo existe concretamente, embora na interioridade daquele que o exprime.

Se para Sartre o outro é um “fenômeno que remete a outros fenômenos”, fenômenos que “não remetem a experiências possíveis, mas a experiências que estão fora de minha experiência e pertencem a um sistema que me é inacessível” (SARTRE, 1999, p.295).

Deleuze, ao contrário, reconhece a concretude dos fenômenos englobados por outrem e diz que,

O Eu [Moi] e o Eu [Je], [...], caracterizam-se imediatamente por funções de desenvolvimento ou de explicação: eles não só experimentam as qualidades em geral como já desenvolvidas no extenso de seu sistema, mas tendem a explicar, a desenvolver o mundo expresso por outrem, seja para dele participar, seja para desmenti-lo (desenrolo o rosto assustado de outrem, desenvolvo-o num mundo assustador cuja realidade me apreende ou cuja irrealdade denuncio). (DELEUZE, 1988, p.247).

Outrem, porém, não se resume à aparição de um sujeito concreto frente a mim, como entende Sartre. Não é um objeto sob meu olhar nem mesmo um sujeito que me olha. Em certo sentido, outrem é uma estrutura; uma estrutura *a priori* que preside e possibilita sua atualização em cada situação particular. Esta estrutura situar-se-ia no mesmo nível do campo perceptivo, sendo responsável por seu funcionamento. Em certo sentido, “não é o eu, é outrem como estrutura que torna a percepção possível” (DELEUZE, 2003, p.318, grifo nosso), pois outrem é quem efetua a separação entre *percipi* e *percipiens* – entre sujeito e objeto. Remetendo a um mundo além das minhas experiências imediatas, “povoando o mundo de possibilidades, de fundos, de franjas, de transições, envolvendo sob outros aspectos o mesmo mundo que se mantém diferentemente desenvolvido diante de mim – constituindo no mundo um conjunto de bolhas que contêm mundos possíveis: eis o que é outrem” (DELEUZE, 2003, p.319).

A princípio, tal concepção se aproximaria do pensamento de Hegel, em que a consciência de si nasceria do reconhecimento e da subsequente negação do outro. O outro, reconhecido como aquilo que não sou, é quem faria passar de um estado pré-reflexivo à consciência de si. Ao comentar as ideias de Hegel, Sartre chama a atenção para que o fato de que

[...] o cogito só poderia nascer em conseqüência de minha própria aparição a mim como individualidade, e esta aparição está condicionada pelo conhecimento do outro. Ao invés de o problema do outro se colocar a partir do cogito, é, ao contrário, a existência do outro que faz o cogito possível como momento abstrato em que o eu se apreende como objeto (SARTRE, 1999, p.307).

Mas para Deleuze não se trata de se apreender como objeto pela negação do outro; e sim de reconhecer na aparição do outro o surgimento de um *outro* mundo de virtualidades que insiste em se passar por real, o que acaba por romper a identidade entre minha consciência e os objetos de sua intuição. Num sentido mais amplo, outrem, enquanto estrutura, não é um “ponto de vista particular” – do ‘outro’ ou do ‘eu’ –, mas a possibilidade de que hajam estes pontos de vista. Não se trata, portanto, de determinar o surgimento da consciência – esta é sempre pressuposta. Trata-se de chamar a atenção para o fato de que, sem outrem, essa consciência se restringiria ao imediato, aderindo aos objetos que percebe, nunca se tornando consciência de si e do mundo.

Justamente por essa aderência às coisas que a consciência sem outrem se situaria num eterno presente – sem margens, o mundo torna-se uma coisa só. A ruptura desta relação levaria à percepção da temporalidade; os objetos *passam*, me movo num mundo de objetos que sucedem-se uns aos outros. Nesta incessante sucessão está inscrita o seu contrário, o passado, aquilo que já não é. Como diz Deleuze, “meu eu não é feito senão de um mundo passado, precisamente aquele que outrem faz passar. Se outrem é um mundo possível, eu sou um mundo passado” (DELEUZE, 2003, p.320).

A possibilidade do entendimento do outro enquanto *ser-para-si*, modo de ser semelhante ao meu cujos predicados maiores são liberdade e indefinição, é a resposta de Sartre ao problema da intersubjetividade, sua tentativa de pensar o outro para além das questões relativas ao conhecimento. Para Deleuze, ao contrário, o posicionamento de outrem enquanto *estrutura* trás de volta em cena toda a problemática do conhecer, pois *outrem* é aquele que instaura a dúvida, a instabilidade e a incerteza de toda afirmação.

Por fim, para além das discordâncias, devemos ver nos dois autores aqui abordados as possibilidades de um diálogo acerca da questão da intersubjetividade, questão que, num tempo onde o encontro com o ‘*Outro*’ se revela cotidiano, se mostra extremamente atual.

## Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicomaco*. Lisboa: Quetzal Editores, 2004. Tradução de António C. Caeiro.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DESCARTES, René. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores vol. XLV), 1973.